

Calçadas do crack assustam moradores

Ruas do bairro Santa Lúcia, em Vitória, estão sendo invadidas por usuários de drogas, que vêm de várias cidades

Verônica Aguiar

Medo. Essa é a sensação de quem precisa passar, principalmente a pé, por algumas ruas de Santa Lúcia, em Vitória, durante a noite. Moradores afirmam que usuários de crack invadiram calçadas do bairro.

Eles ficam principalmente na avenida Leitão da Silva e nas ruas Dukla de Aguiar e Ulisses Sarmiento. “Quando passo por ali, vou acelerando o passo e olhando para trás. A sensação é de estar vulnerável e poder ser assaltado a qualquer momento”, contou Lúcio Balbe, 59, que sempre morou em Santa Lúcia.

Circulando por esses locais, é possível ver em algumas calçadas mais de 30 pessoas usando crack, entre jovens e adultos, homens e mulheres.

A enfermeira Sandra Regina da Silva Vita, coordenadora das equipes do programa Consultório na Rua, que oferece atendimento médico para esses usuários de drogas, descreveu o que observou no local.

“Há uma rotatividade muito grande. Pessoas de bairros adjacentes e até de outras cidades vão ali, compram drogas nos bairros próximos, no Morro do Jaburu e da Garrafa, utilizam ali mesmo e depois voltam para suas casas. Tem gente que vem até de Linhares para isso”, explicou.

Segundo ela, poucos são moradores de rua. Entre os usuários há pais de família, donas de casa e universitários. “O crack é a droga mais utilizada, mas também há usuários de tiner e maconha.”

Regina defende que, para resolver o problema, é preciso identificar os traficantes e cortar o fornecimento da droga no local.

Enquanto isso não acontece, os



USUÁRIOS DE CRACK ocupam calçada em Santa Lúcia, onde cresceu número de usuários de drogas, segundo a PM

CENAS



USUÁRIOS DE CRACK, que estavam na avenida Leitão da Silva na noite de ontem, encostavam-se no muro para se protegerem do vento e usarem a droga.



EM UMA CALÇADA do bairro Santa Lúcia, um grupo com pelo menos 14 pessoas usa crack. Moradores afirmam que assaltos são constantes na região.

moradores reclamam que há muitos pedintes e assaltos, já que os usuários se apropriam de diversos meios para conseguir a droga. Muitos relatam que se sentem acuados e até evitam sair de casa.

O programa Consultório na Rua, em que Sandra trabalha, é oferecido pela Prefeitura de Vitória. Além

de atendimento médico, ele dá suporte para as pessoas largarem as drogas e saírem das ruas, desde que elas manifestem esse desejo, já que não podem ser obrigadas.

“Essas pessoas têm uma família por trás e precisam de ajuda. Deixar a droga é muito difícil”, afirmou a enfermeira.

“A sensação é de estar vulnerável e poder ser assaltado a qualquer momento”

Lúcio Balbe, morador de Santa Lúcia

Polícia diz que reforçou ações de segurança na região

A Polícia Militar informou, por meio de nota que, em função do aumento das ocorrências relacionadas ao uso de drogas e outros crimes na região de Santa Lúcia, em Vitória, reforçou as ações de segurança com o ônibus que atua no combate ao uso de crack, do projeto “Crack, é possível vencer”, do governo federal.

No entanto, a assessoria de imprensa não informou em quais horários o ônibus fica no bairro.

A PM ressaltou ainda que o problema continua sendo uma questão de saúde pública e social e que, por isso, apoia e acompanha as ações da Prefeitura de Vitória, que possui a responsabilidade de planejar políticas públicas para moradores em situação de rua e usuários de drogas.

ANÁLISE

Aldinéia Gomes de Mello Coutinho, psicóloga, especialista em dependência química



Busca por local fácil para comprar droga

“A concentração dos usuários de crack é um problema antigo em Vitória. Inicialmente, eles ficavam em torno da Ilha do Príncipe, próximo à rodoviária. A partir do momento que eles perderam aquele ponto de parada, que foi demolido, foram buscando outras regiões e se espalhando pela Grande Vitória.

Procuraram lugares mais seguros para eles e com mais facilidade para ter contato com a droga. A região da Leitão da Silva tem histórico de assaltos, e nos arredores existem facilidades em obter as drogas.

Eles ficam juntos porque é uma forma de se protegerem e de compartilharem as coisas que eles têm. São pessoas que necessitam de um imenso cuidado da saúde. O cuidado de si mesmo não existe mais, existe o olhar para a droga.

Trata-se de um grupo excluído que, à margem da sociedade, sobrevive com seus acordos de sobrevivência.”